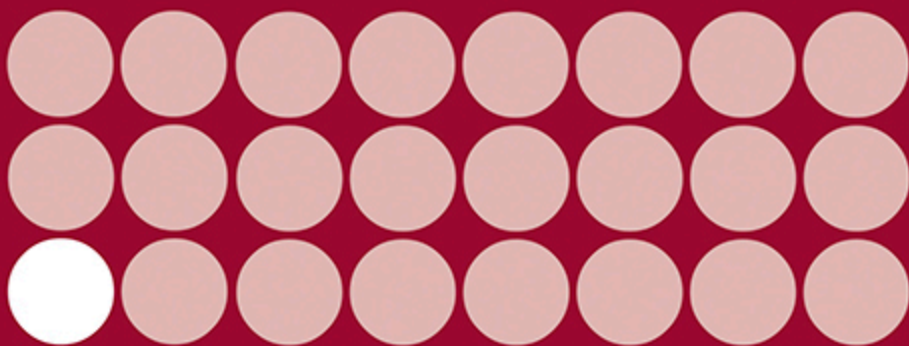


Isaías

Introdução e comentário

J. Ridderbos



CONTEÚDO

PREFÁCIO GERAL	6
PREFÁCIO DA EDIÇÃO EM PORTUGUÊS	7
ABREVIATURAS PRINCIPAIS.	8
INTRODUÇÃO	
Isaías, o Profeta	9
A Atividade de Isaías em Sua Época	10
O Livro de Isaías	17
Isaías 40—66	24
Esboço de Isaías	44
Luzes sobre o texto de Isaías, provenientes dos Rolos do Mar Morto	50
COMENTÁRIO.	65

PREFÁCIO GERAL

O mais importante comentário evangélico abordando a Bíblia toda, no mundo que fala holandês, é o *Korte Verklaring Der Heilige Schrift*, uma série de sessenta e dois volumes escritos por proeminentes eruditos e exegetas holandeses. Infelizmente, o *Korte Verklaring* não é amplamente conhecido no resto do mundo, em outras línguas, embora grande número dos colaboradores e editores do mesmo tenha feito contribuições a estudos bíblicos e teológicos que têm sido amplamente reconhecidos fora da Holanda.

A publicação do *Korte Verklaring* começou na década de 1920, e continuou, com adições ocasionais e atualizações, até a década de 1960. Ele tinha o objetivo de ser um comentário para o leitor leigo que não tem conhecimento de hebraico e grego, nem um conhecimento minucioso de questões críticas. Ele cumpriu o seu objetivo de maneira admirável, e ao mesmo tempo é muito bem recebido e freqüentemente usado pelos eruditos, devido à sua percepção exegética exata.

A SÉRIE CULTURA BÍBLICA por fim tornará o *Korte Verklaring* disponível para os estudantes da Bíblia que falam português. Usamos, para citações bíblicas, a Edição Revista e Atualizada da Sociedade Bíblica do Brasil. Quando se torna apropriado, a discussão original do colaborador foi adaptada, para ajustar-se à tradução acima citada e aos problemas de tradução com outras versões em português. A Série Cultura Bíblica é uma obra de valor duradouro, por causa do material exegético que torna disponível para o estudante sério das Escrituras.

PREFÁCIO DA EDIÇÃO EM PORTUGUÊS

Todo estudioso da Bíblia sente a falta de bons e profundos comentários em português. A quase totalidade das obras que existem entre nós peca pela superficialidade, tentando tratar o texto bíblico em poucas linhas. A *Série Cultura Bíblica* vem remediar esta lamentável situação sem que peque, de outro lado, por usar de linguagem técnica e de demasiada atenção a detalhes.

Os comentários que fazem parte desta coleção *Cultura Bíblica* são ao mesmo tempo compreensíveis e singelos. De leitura agradável, seu conteúdo é de fácil assimilação. As referências a outros comentaristas e as notas de rodapé são reduzidas ao mínimo. Mas nem por isso são superficiais. Reúnem o melhor da perícia evangélica (ortodoxa) atual. O texto é denso de observações esclarecedora.

Trata-se de obra cuja característica principal é a de ser mais exegetica que homilética. Mesmo assim, as observações não são de teor acadêmico. E muito menos são debates infundáveis sobre minúcias do texto. São de grande utilidade na compreensão exata do texto e proporcionam assim o preparo do caminho para a pregação. Cada comentário consta de duas partes: uma introdução que situa o livro bíblico no espaço e no tempo e um estudo profundo do texto, a partir dos grandes temas do próprio livro. A primeira trata as questões críticas quanto ao livro e ao texto. Examinam-se as questões de destinatários, data e lugar de composição, autoria, bem como ocasião e propósito. A segunda analisa o texto do livro, seção por seção. Atenção especial é dada às palavras-chave e a partir delas procura-se compreender e interpretar o próprio texto. Há bastante “carne” para mastigar nestes comentários.

Esta série sobre o V. T. deverá constar de 24 livros de perto de 200 páginas cada. Os editores, Edições Vida Nova e Mundo Cristão, têm programado a publicação de, pelo menos, dois livros por ano. Com preços moderados para cada exemplar, o leitor, ao completar a coleção, terá um excelente e profundo comentário sobre todo o V.T. Pretendemos, assim, ajudar os leitores de língua portuguesa a compreenderem o que o texto vetero-testamentário de fato diz e o que significa. Se conseguirmos alcançar este propósito seremos gratos a Deus e ficaremos contentes porque este trabalho não terá sido em vão.

Richard J. Sturz

ABREVIATURAS PRINCIPAIS

a.C.	– antes de Cristo
ARA	– Versão da Bíblia de Almeida, Revista e Atualizada
ARC	– Versão da Bíblia de Almeida, Revista e Corrigida
A.T.	– Antigo Testamento
B	– Versão Brasileira
B.J.	– Bíblia de Jerusalém
cf.	– conforme
IBB	– Versão da Bíblia da Imprensa Bíblica Brasileira
NM	– Versão Novo Mundo
NIV	– New International Version (versão da Bíblia em inglês)
N.T.	– Novo Testamento
N.Tr.	– Nota do Tradutor
p.p.	– páginas
T	– Versão Trinitariana da Bíblia
TRAD	– Nota do tradutor do livro em holandês para o inglês
v.	– Versículo
v.g.	– <i>verbi gratia</i> (por exemplo)
vv.	– Versículos

INTRODUÇÃO

I. ISAÍAS, O PROFETA

O nome *Isaías* significa “O Senhor (Javé) deu salvação”. Talvez os pais de Isaías lhe deram esse nome para expressar a sua gratidão pela bênção experimentada por ocasião do nascimento do seu filho. Pode-se observar a providência de Deus no fato de eles lhe terem dado este nome, pois ele se enquadra completa e perfeitamente com o caráter do trabalho de Isaías: a sua pregação foi governada pelo tema de que é só o Senhor que salva, enquanto todos os esforços humanos se demonstram ser vãos. Em mais de uma ocasião, o profeta deve ter concentrado as suas reflexões no pensamento da salvação expressa no significado do seu nome. Para os seus conterrâneos israelitas, o nome de Isaías, bem como o nome de seus filhos, continham uma mensagem atualíssima (cf. 8:18).

Em Israel houve várias ocorrências do nome *Isaías* (I Cr 3:21; 25:3, 15 etc. al.). Por essa razão o profeta é distinguido de seus xarás com a adição da frase “filho de Amoz” (1:1) em seguida à citação do seu nome. A respeito desse Amós não temos nenhuma outra informação.

A respeito da vida doméstica de Isaías, sabemos que ele era casado e teve pelo menos dois filhos (7:3; 8:3; 18). Em contraste com o profeta Amós, que era boiadeiro, Isaías era morador da cidade; vivia em Jerusalém (7:3; 22:15; 28:14; 37:2).

A tradição rabínica de que Amoz, pai de Isaías, era irmão do rei Amasias, não tem confirmação adequada. Assim mesmo, alguns intérpretes crêem que podemos inferir, da sua conduta, que ele era de nobre descendência, e como tal, tinha influência na corte real.

Quanto a esta conexão é certo apenas que o trabalho de Isaías ligava-se intimamente com a casa real de Davi. Ele enfrentou ousadamente o rei Acaz (7:3ss.); no reinado de Ezequias ele teve grande influência (caps. 36-

INTRODUÇÃO

39); e durante o resto de sua vida ele observou com olhos proféticos os eventos políticos de sua época. Por tudo isto, o elevado nascimento e a posição social de Isaías serviram-lhe bem, mas não lhe foram indispensáveis. Da maior importância foi o fato de que ele sabia que fora chamado pelo Senhor. De suas profecias podemos inferir com certeza que Isaías era um homem culto.

O sobrescrito ou título (1.1) menciona que o ministério oficial de Isaías teve lugar durante o reinado dos reis judeus (do reino de Judá) Uzias, Jotão, Acaz e Ezequias. Além disso, sabemos que ele foi chamado para o ministério no ano em que morreu o rei Uzias (6.1), e que ele ainda estava ativo por ocasião da invasão de Senaqueribe, durante o reinado de Ezequias, em 701 a.C. (37.5ss.).

De acordo com uma tradição rabínica, Isaías sofreu o martírio pela espada, ou foi serrado em dois durante o reinado de Manassés. Contudo, estas tradições tendem a não ser dignas de confiança. Da mesma forma, a referência em Hebreus 11.37 ao martírio de pessoas que foram serradas ao meio não é prova de que esta foi a sorte de Isaías. Quanto a comentários a respeito do fato de Isaías estar ou não profetizando ainda durante o reinado de Manassés, veja a introdução à parte 2 do comentário.

Embora a descendência real de Isaías possa ser apenas uma conjectura, ele tem sido chamado, com toda justiça, de rei dos profetas. Entre os profetas ele é o maior. Exibe uma dignidade real mediante a intrepidez da sua ação pública, a majestade da sua pregação, e a força nobre e a beleza poética das suas palavras. Além disso, especialmente na segunda divisão principal, uma compaixão sacerdotal marca a sua pregação. Ele descreve o Cristo com clareza meridiana (nos capítulos 1–39, como **Rei** messiânico; nos capítulos 40–66, como **Servo** sofredor do Senhor), e por esta razão com justiça ele é chamado o evangelista do antigo pacto.

II. A ATIVIDADE DE ISAÍAS EM SUA ÉPOCA

Pode-se dividir as profecias de Isaías em dois grupos. Ao primeiro pertencem as que têm seu ponto de partida nos acontecimentos da sua época, embora se concentrem em um futuro distante. Um segundo grupo inclui profecias que não apenas *predizem o futuro* mas também *têm seu ponto de partida* em época posterior à de Isaías; isto é, especialmente na época

do cativeiro babilônico. Estas profecias mencionadas em último lugar (que muitos estudiosos alegam não serem de Isaías) encontram-se principalmente nos capítulos 40–66. Falarei delas em uma introdução separada àqueles capítulos.

As profecias mencionadas em primeiro lugar, que estão arraigadas na época de Isaías, são em sua maior parte ligadas intimamente com a renovação da atividade dos assírios no ocidente.

A morte de Uzias, e nesse tempo a vocação de Isaías, costumava ser datada de 758 a.C. . Isto significava que em 701 a.C. Isaías estaria no quinquagésimo oitavo ano do seu ministério profético. Ao contrário, a cronologia mais atualizada, que usarei neste comentário, coloca a morte de Uzias em cerca de 740 a.C..

O período antecedente havia sido, tanto para Judá como para Israel, de grande desenvolvimento e prosperidade externa. A Assíria, cujo poderio se havia feito sentir um século antes por Acabe e Jeú, havia declinado, de forma que no século seguinte, a Palestina não havia sentido nenhuma perturbação daqueles vizinhos. Ao norte, como resultado da decadência interna da Síria, as guerras sírias, com que Israel e Judá haviam sofrido muito no século IX, haviam chegado ao fim. Para Judá e Israel raiara a alvorada de uma era de poder e prosperidade. Isto ocorreu para Judá durante o reinado de Uzias. Durante esse período Judá obteve vitórias sobre os filisteus, os árabes, os amonitas e os edomitas, e fortificou Jerusalém e outras cidades (cf. 2.15). Uzias também promoveu a agricultura, o comércio e a indústria.

Quase ao mesmo tempo, Jeroboão II estava reinando ao norte, no reino de Israel (a sua morte agora é fixada entre 746 e 740 a.C.). Ele foi outro rei enérgico. Restaurou as fronteiras de Israel desde a entrada de Hamate até o Mar de Arábá (cf. II Re 14.25), e por toda parte prevaleceram prosperidade e riqueza (cf. Os 2.10 ss.; 10.1, 11). O resultado foi que tanto Judá quanto Israel gozavam de uma posição de poder como jamais haviam experimentado desde a divisão do reino.

Agora, todavia, tudo isto em breve se tornaria passado. Acontecimentos ominosos de grande magnitude estavam se aproximando. Depois de um período de declínio, o poderio assírio estava mais uma vez em ascensão, em seguida à entronização de Tiglate-Pileser III (também mencionado como IV), que tinha intuítos conquistadores e com quem começa o novo reino assírio. Com base nas inscrições assírias, os anos de seu reinado são colocados entre 745 e 727 a.C.. Nos anos 742–740 a.C. ele reduziu Arpa-

INTRODUÇÃO

de (Síria) à condição de província assíria, e como resultado passou a receber tributos de países que ficavam mais ao sul (de Damasco, sob o governo de Resim, e de Tiro, sob o governo de Hirão). Em 738 a.C. ele estendeu o seu domínio até o Líbano, e deve ter sido mais ou menos a essa época que ele penetrou no território de Israel onde — se ele é o mesmo “Pul” mencionado em II Reis 15.19 — recebeu do rei Menaém um tributo de mil talentos de prata. Pouco tempo depois disto ele foi chamado para ajudar Acaz, como veremos mais tarde.

Neste período — de imensa importância para a história de Israel e de Judá — Deus levantou vários homens a quem revelou o seu plano (cf. Am 3.7) de forma que eles pudessem testificar dos perigos iminentes e fizessem uma conclamação ao arrependimento e à fé. No reino do norte foi Amós, um homem de Tecoá em Judá, quem profetizou durante o reinado de Jeroboão II e de Uzias. Um pouco mais tarde, o contemporâneo mais idoso de Isaías, Oséias, pregou em Israel. Ele começou o seu ministério no reinado de Jeroboão II e Uzias, e ainda estava profetizando nos dias de Ezequias. Isaías, o maior dentre eles, exerceu o seu ministério em Judá. Ele depressa encontrou em Miquéias um colega cujo ministério se estendeu pelos reinados de Jotão, Acaz e Ezequias.

O trabalho profético de Isaías, no que ele concerne diretamente aos acontecimentos da sua época, pode ser dividido em quatro períodos.

O *primeiro* período vai do ano em que morreu Uzias (cerca de 740 a.C.) até à época da ascensão de Acaz ao trono (cerca de 735 a.C.) e abrange, na sua maioria, os anos do reinado de Jotão. As profecias preservadas desse período foram reunidas em sua maior parte nos capítulos 2 a 5 (cf., todavia, 9.7ss.).

Neste período o profeta Isaías condenou as condições corruptas da vida em Jerusalém e Judá, bem como da de Israel (9.7ss.) e anunciou o julgamento divino sobre eles. A ameaça assíria ainda permanecia em segundo plano.

Não obstante, também nesse período, os surgimento deste império mundial no ocidente afetou a profecia de Isaías. Se o ano em que morreu Uzias foi 740 a.C.¹ ou um pouco depois, a atividade dos assírios no ocidente a precederam. O nome de Azarias (= Uzias) ocorre nas tabuinhas assí-

1. A cronologia mais antiga dá o mesmo resultado. Esta fixa a morte de Uzias em data um pouco posterior à de Menaém; e Menaém deve ter pago tributos a Tiglate-Pileser (veja acima).

rias como um dos príncipes que se haviam aliado contra Tiglate-Pileser nos anos 742-740 a.C..

Portanto, é possível que desde o seu início, os anúncios de julgamento feitos por Isaías se originaram em parte da sua convicção de que os exércitos assírios em breve marchariam contra a sua nação, embora indubitavelmente os acontecimentos políticos não fossem a razão básica para esses anúncios. Os contemporâneos de Isaías zombaram das suas sombrias predições (5:19). O fato de ele ter uma opinião melhor acerca dos acontecimentos contemporâneos não tinham origem em sua percepção política superior, mas na revelação profética que lhe fora dada, pois nessas revelações ele via, não apenas alguma constelação política, mas a majestade e santidade do Senhor, o pecado do povo e o juízo vindouro de Deus (cap. 6). Porém, era natural que Isaías relacionasse esses juízos diretamente com os exércitos assírios que estavam invadindo a Síria. O quadro apresentado em 5:26-30 dá ao leitor razões para pensar que o profeta tinha os assírios em mente.

Ainda assim, a Assíria permaneceu em segundo plano durante aquela época. Ela não é mencionada nominalmente nem uma vez nas profecias desse período.

O *segundo* período de ministério profético é orientado para o acontecimento importantíssimo ocorrido no início do reinado de Acaz: a guerra siro-efraimita, que provavelmente começou e mais tarde se desenvolveu em resposta à aproximação dos assírios. A seção importantíssima constante de 7.1 – 9.6 data desse período, como provavelmente também o capítulo 1.

Depois que a guerra siro-efraimita havia ocasionado, em sua esteira, a punição de Samaria e Damasco por Tiglate-Pileser (734 e 732 a.C.), como Isaías havia predito, há um período regularmente longo em que discernimos pequena atividade deste profeta. Pode-se estender este segundo período até o ano de 727 a.C., ano em que Salmaneser sucedeu a Tiglate-Pileser e em que (provavelmente) morreu Acaz.

Este último ponto tem sido alvo de várias opiniões divergentes. A razão é que os dados que a Escritura oferece a respeito do início do reinado de Ezequias, sucessor de Acaz, não são claros.

De acordo com II Reis 18.9ss., Samaria caiu no sexto ano de Ezequias. Presumindo que, com base nos dados assírios, Samaria caiu em 722 a.C., pode-se concluir que Ezequias começou o seu reinado em cerca de 727 a.C., data que os eruditos geralmente defendiam anteriormente.

COMENTÁRIOS BÍBLICOS DA SÉRIE CULTURA BÍBLICA

Os comentários da Série Cultura Bíblica foram elaborados para ajudar o leitor a alcançar uma compreensão do real significado do texto bíblico.

A introdução de cada livro dá às questões de autoria e data um tratamento conciso, embora completo. Isso é de grande ajuda para o leitor, pois mostra não só o propósito de cada livro como as circunstâncias em que foi escrito. É também de inestimável valor para professores e estudantes que buscam informações sobre pontos-chaves, pois aí se vêem combinados o mais alto conhecimento e o mais profundo respeito com relação ao texto sagrado.

Veja a riqueza do tratamento que o texto bíblico recebe em cada comentário da Série Cultura Bíblica:

- Os comentários tomam cada livro e estabelecem as respectivas seções, além de destacar os temas principais.
- O texto é comentado versículo por versículo.
- São focalizados os problemas de interpretação.
- Em notas adicionais, as dificuldades específicas de cada texto são discutidas em profundidade.

O objetivo principal dos comentários é buscar o verdadeiro significado do texto da Bíblia, tornando sua mensagem plenamente compreensível.